

PRÓLOGO

Este volume monográfico da *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana* que ora se faz público tem por objetivo aguçar o debate cultural-literário Brasil/América Hispânica e contribuir para a (re)constituição do corpus e a (re)definição do cânon latino-americano. Os ensaios que compõem o volume deixam entrever o papel do comparatismo desconstrutivista na formação de novas tendências e temáticas crítico-literárias. Em maior ou menor grau, os textos aqui presentes, por imbricarem com outros textos, contextos e discursos, cabem perfeitamente na agenda do atual debate da crítica literária de enfoque cultural. Destaca-se nos ensaios a dialética entre o local e o universal como a marca registrada da literatura latino-americana. Sendo assim, o discurso crítico-literário produzido na América Latina é apresentado não apenas como devedor de teorias européias hegemônicas, mas também como um revitalizador das mesmas.

As observações do parágrafo anterior são fundamentadas através do ensaio que abre o volume. “O diálogo Brasil/América Hispânica: balanço/questões teóricas” empreende uma espécie de arqueologia do comparatismo literário que põs ênfase na noção de diferença e que abriu espaço para a inclusão das literaturas do chamado “Terceiro Mundo” no cânon universal. O ensaio apresenta um balanço geral dos projetos comparatistas empreendidos na América Portuguesa e Espanhola e deixa claro que os estudos culturais, centrados no colonial e/ou no pós-colonial, têm suas dívidas para com a literatura comparada e também para com a literatura e a crítica latino-americana.

Em “Naturaleza/nación. Lo salvaje/lo civil: Escribiendo Amazonía”, texto de enfoque transdisciplinário e que se situa no campo pós-moderno e pós-colonial, Ileana Rodríguez explora as diferentes representações da Amazônia para mostrar que “jungla”, “manigua” e “selva” articulam noções de desenvolvimento e controle de recursos naturais. Neste ensaio, onde epistemologias, cronologias e fronteiras se dissolvem, a Amazônia é representada metonimicamente como “una de las fronteras paradigmáticas posibles del medioambientalismo laborando dentro de la globalización y el nuevo orden mundial”.

Questionando o discurso pós-modernista, Ana María Amar Sánchez analisa a maneira pela qual os gêneros populares incidem nas

formas cultas, produzindo no cânon modificações e mudanças que permitem entrever que cultura popular e pós-modernismo são discursos que se constroem em conflito.

A presença do popular e do oral na cultura latino-americana contemporânea transparece nos ensaios de David William Foster e de Maria Luiza Tucci Carneiro. Em “Lenguaje y espacio escénico: el italiano en dos textos teatrales”, Foster deixa entrever os conflitos lingüísticos “constatados en términos de la disyunción italiano/español e italiano/portugués” e os problemas sociais “respecto a la relación entre el inmigrante lingüísticamente marginal y el poderio social” na Argentina e no Brasil. Maria Luiza Tucci Carneiro também aborda o tema do imigrante na cultura e literatura latino-americana. “Literatura de imigração e literatura de exílio: realidades e utopias” explora, em uma visão panorâmica, aspectos biográficos e textuais de escritores como Salvador Novo, Jorge Semprúm, Simón Otaola, Virgilio Botella Pastor, Claire Etchrelli, Ramón J. Sender, Luis Cernuda e Max Aub. A ensaísta revela que, embora as narrativas produzidas por esses imigrantes expressassem “a busca de uma pátria ideal”, não deixaram de se impregnar pelas tradições culturais da realidade americana.

“Escrita, auto-representação e realidade social no romance feminino latino-americano”, de Cristina Ferreira Pinto, examina o modo pelo qual o romance contemporâneo de escritoras latino-americanas reúne o compromisso com a realidade social e política e a preocupação com o sujeito feminino. O compromisso com a realidade social e política latino-americana também se faz presente no romance masculino, conforme se pode ver através do ensaio “A linguagem territorial e o intertexto cultural utópico latino-americano: Graciliano Ramos e Juan Rulfo”, de Ana Luiza Andrade. Comparando esses dois escritores, brasileiro e mexicano, a partir de uma perspectiva que apresenta suas narrativas “como forma de resgate crítico de espaços culturais interterritoriais –na fronteira interterritorial e intertextual”, A. L. Andrade aponta a linguagem como o lugar de busca da identidade latino-americana.

Prescrutando as complicações do conceito de identidade nacional, Renata Wasserman, a partir do intra-literário, explora a maneira pela qual a ficção brasileira, através da novela *O tempo e o vento* de Érico Veríssimo, faz um esforço para definir a identidade brasileira e reconfigurá-la dentro do continente latino-americano. Partindo de uma abordagem interliterária, Maria Nazareth Soares Fonseca estabelece uma comparação entre os romances *Os passos perdidos* de Alejo Carpentier, *A casa verde* de Mario Vargas Llosa e *Viva o povo brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro. Soares Fonseca vê esses romances como “expressões significativas de um movimento que pretende resgatar a cultura americana a partir de suas contradições”. Em “Cópia ou ruptura: um movimento pendular”, Ivete Lara Camargos Walty trata da questão da autonomia da literatura brasileira e, por extensão, da literatura latino-americana. Apoiando-se em teóricos brasileiros que

propõem uma revisão da historiografia literária brasileira sob a égide da diferença e explorando a função de resistência, que integra o imaginário social latino-americano,--através de personagens índios como Peri e Iracema de José de Alencar, Avá/Isaías de Darcy Ribeiro, Mascareta e os faladores/habladores de Vargas Llosa--a autora sugere que a literatura latino-americana só poderá contribuir para mudanças sociais “ao se assumir com todas as suas contradições”.

Regina Zilberman toma por base a teoria da Estética da Recepção para explorar as relações entre narrador e leitor, e o caráter comunicativo e social em alguns dos escritos de Machado de Assis e de Jorge Luís Borges. Como observa Zilberman: “A aposta que lançam Machado e Borges, e que os aproxima no tempo e que assinala a afinidade de ambos diante do universo do leitor, consiste em desarticular as convicções de seus leitores; mas fazem-no confiando em que a leitura exerça seu papel de estabelecer o diálogo primordial sem o qual a literatura não subsiste, muito menos sua produção poética e ficcional.” Centrando-se nos ensaios jornalísticos de Sarmiento e de Euclides da Cunha, Raúl Antelo analisa a função das ficções de interpretação nacional na segunda metade do século XIX para destacar que nessas narrativas oitocentistas “a linha de demarcação imaginária, a fronteira, adquire função simbólica fundacional”.

Adentrando-se no passado colonial, Leopoldo Bernucci estabelece uma comparação entre os poemas épicos *La Araucana*, de Alonso de Ercilla, e o *Uruguai* de Basílio da Gama. Ao trazer à tona a resistência que transparece tanto no plano lingüístico e literário quanto ideológico nessas duas épicas, Bernucci chama a atenção para o fato de que já nos tempos coloniais, a “diferença” latino-americana se fazia presente através “[d]a rejeição, [d]o desvio e [d]a reelaboração da tradição épica européia”.

O ensaio de João Adolfo Hansen, “*Ut pictura poesis* e verossimilhança na doutrina do conceito no século XVII”, centra-se nos modelos culturais e literários na formação do letrado colonial. Tomando como referência a poesia e a oratória seiscentistas de letrados tais como Gregório de Matos, Juan del Valle y Caviedes, Sor Juana Inés de la Cruz e Antonio Vieira, Hansen aprofunda sobre a doutrina do *desenho* como “um modelo cultural internacionalizado nas apropriações católicas da retórica aristotélica e dos textos italianos quinhentistas e seiscentistas sobre a agudeza”.

Sara Castro-Klarén enfeixa a coletânea com um ensaio de enfoque crítico cultural, onde o discurso literário se imbrica com o antropológico e com o histórico, movendo-se dentro de uma cronologia que abarca tanto o colonial quanto o contemporâneo. “Corporización tupi: Léry y el *Manifiesto Antropófago*” põe em xeque o mito do canibalismo e explora “la red de hilos cuyo intrincado tejido constituye la elaboración y corporización llevada a cabo por Jean de Léry en 1578 y su re-surgimiento en el tropo del complejo caníbal” no *Manifiesto antropófago* dos modernistas brasileiros. O estudo de Castro-Klarén é relevante para a

afirmação da identidade, não só do Brasil, mas de toda a América Latina. Basta lembrar que o *Caliban*, de Roberto Fernández Retamar, também é uma dessas textualidades pós-colonialistas que exploram o complexo canibal para a asserção da literatura latino-americana.

Através deste volume, é possível observar que os fatores que dificultam o estabelecimento de pontos de convergência e de divergência entre o Brasil e a América Hispânica têm a ver com as metodologias que vigoram nos tradicionais estudos literários e comparativos e que, via de regra, por esbarrarem em fronteiras de um país com outro, limitaram o pensamento logocêntrico. Devido à excessiva preocupação com os limites geográficos, o pensamento rizomático--que não esbarra em limites arbitrários, como as fronteiras territoriais--pode ser mais amplamente explorado através de análises comparativas dos aspectos culturais que formam um continuum na literatura e em outras manifestações discursivas da América Latina.

Dado o fato de que o objetivo principal deste projeto era aproveitar o quinto centenário do Tratado de Tordesilhas para reconstruir o diálogo cultural-literário entre o Brasil e a América Hispânica, observa-se no volume uma quase total ausência do Caribe inglês e francês. No entanto, uma vez que encaro este projeto como um primeiro passo firme rumo à formação de uma associação ou de um grupo interessado no aprofundamento e na integração das literaturas e culturas do subcontinente, espero que em futuros projetos o Caribe de influência francesa e inglesa tenha maior presença.

Este projeto não teria sido possível sem o apoio estratégico de Antonio Cornejo Polar e de Cristina Soto. Gostaria de agradecer-lhes a entusiasta acolhida que deram a esta iniciativa, viabilizando a publicação dos ensaios através da coleção de Latinoamericana Editores. O meu agradecimento se estende também a todos os colegas que colaboraram com artigos para o volume, em particular à Sara Castro-Klarén pelas sugestões e incentivo; a Stephen Summerhill e Terrell Morgan, pelo apoio técnico na fase inicial do projeto; a Jorge Schwartz por me enviar prontamente o seu artigo "Abaixo Tordesilhas!"; à Ana Del Sarto pela leitura de alguns textos em espanhol, à Lisa Gates e a Derek Petrey pela ajuda na conversão de *diskettes* e em outros aspectos técnicos da fase final do projeto. Finalmente, o meu sincero agradecimento à colega e amiga, Beatriz González Stephan, pelas discussões intelectuais e pela leitura minuciosa do texto.

Lúcia Helena Costigan
The Ohio State University